



Fazia mais de século que o Brasil devia uma homenagem à altura do astrônomo belga que comandou a expedição ao Planalto Central. Um desbravador apaixonado pelo Brasil

RENATO ALVES
ENVIADO ESPECIAL

Rio de Janeiro — Desde que soube que um grupo de pesquisadores iria refazer o trajeto dos desbravadores do Planalto Central (*veja texto ao lado*), o empresário carioca Tadeu de Araújo Pena, 60 anos, vive em estado de plenitude. "Chamo esse projeto de Remissão Cruis. Enfim, vão mostrar para o Brasil a importância da missão de 111 anos atrás", ressalta o bisneto de Luiz Cruis. Tadeu Pena talvez seja o cidadão carioca que mais domina a história de Cruis e da Comissão Exploradora do Planalto. Em sua confortável casa, na Barra da Tijuca, bairro nobre do Rio, Pena guarda relíquias do astrônomo belga. São objetos pessoais do pesquisador, como bengala, luneta, relógio de mesa, cartas e quadros pintado com tinta a óleo. O empresário tem ainda um exemplar original do relatório da Missão Cruis, escrito em 1894 pelo bisavô.

O material que está com Pena representa apenas 10% do acervo que ele herdou da mãe, Maria Carolina, neta de Luiz Cruis. Os outros 90%, Tadeu Pena dou ao Museu de Astronomia do Rio de Janeiro, há dois anos. São 152 documentos, entre os quais, textos, fotografias, gravuras, postais, publicações. O empresário dou ainda o cantil e alguns instrumentos científicos que o bisavô usou na missão de 1892.

Tadeu Pena não conheceu o bisavô famoso. Mas conviveu com o 12-avô, Maria Oliveira Cruis, até os 15 anos. "Ela era o suporte da família. Com o marido sempre viajando, comandava a casa com autoridade", revela o empresário. O bisavô era um sujeito de gênio difícil, muito metuculozo, rigoroso nos afazeres, de uma lisura incomum nos tempos modernos. Detalhava, com rigor, as prestações de contas de suas viagens à Europa para a compra de equipamentos científicos. "Ele deixou tudo detalhado numa espécie de livro-caixa. O que sobrava, devolvia ao governo. Fazia questão de ressaltar que o dinheiro era da nação".

Cruis não comandou apenas a missão que definiu o quadrilátero do Distrito Federal. Em 1901, ele foi designado para chefiar a Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, encarregada de explorar as nascentes do rio Javari, de importância fundamental para o futuro estado do Acre. Cruis, um oficial do Exército, um mecânico e 21 soldados conseguiram delimitar a divisa do Bra-

Wanderlei Pozzembom



O BISNETO

TADEU PENA GUARDA UMA PARTE DO ACERVO DO BISAVÔ, LUIZ CRUIS: RELÍQUIAS DE UM HOMEM RIGOROSO E DE TEMPERAMENTO DIFÍCIL

sil com a Bolívia. Mas a missão enfrentou muitos contratemplos. Atacado de beribéri, Cruis ficou com as pernas tão cheias de edemas que mal podia andar. Os companheiros o aconselharam a suspender a missão, mas ele não aceitou. Terminou o trabalho em uma maça. O relatório da expedição foi concluído em 1903 — a esse tempo Cruis já estava muito doente.

Porém, mesmo debilitado, continuou escrevendo artigos para jornais cariocas, sempre divulgando pesquisas científicas. Criou o primeiro Atlas Celeste publicado no Brasil e a *Revista do Observatório*, primeiro periódico de ciências editado no país. Seu amor pelo Brasil era tão grande que, durante sua viagem à Europa para tratar da malária que havia

"Quando, em maio de 1892, o governo mandou nos chamar, afim de nos confiar a missão de explorar o Planalto Central do Brasil e nelle demarcar a área que, segundo o que prescreve a Constituição, deve ser reservada ao futuro Distrito Federal, e afi ser opportunamente mudada a nova Capital da União, não nos iludimos a respeito da magnitude do assumpto, e ao mesmo tempo da responsabilidade que ia pesar sobre nós perante o paiz inteiro, accettando tão honrosa tarefa."

Luiz Cruis - 1894

contraído na missão Brasil-Bolívia, todas as noites ficava no convés do navio observando as estrelas que apontavam a direção do Brasil. "Na noite em que vi o Cruzeiro do Sul

desaparecer no horizonte do oceano, voltou a cabine e falou para a mulher: 'Tudo acabou. Vi o Cruzeiro pela última vez'", conta o bisneto.

Cruis morreu logo depois de desembarcar em Paris. Em 1908, aos 60 anos. Seu corpo foi embalsamado e trazido para o Rio de Janeiro, onde foi enterrado na cripta 1135 do cemitério São João Batista, ao lado dos três filhos mortos quando bebês e da mãe. A mulher dele, Maria, foi enterrada anos depois, no mesmo jazigo.

A mãe de Tadeu Pena fez uma viagem pela Europa na década de 70 à procura de relatos sobre a família Cruis. Andou por diversos países. Pesquisou listas telefônicas. Não encontrou nenhuma referência sobre descendentes do homem que ajudou a levar a capital do Brasil para o Planalto Central.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEI POZZEMBOM VIAJAM NUM DOBLÔ ADVENTURE CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS

Rumo ao futuro

Na noite da última segunda-feira, 13 estudiosos e cientistas reuniram-se na atual sede do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, hoje Museu de Astronomia e Ciências Afins. Foi o primeiro passo para o começo do mesmo trajeto feito por Luiz Cruis e seu grupo, há 111 anos. Com o atual projeto, batizado de *Missão Cruis. Uma trajetória para o futuro*, os pesquisadores querem mostrar ao Brasil a importância da Comissão Exploradora do Planalto Central.

No programa, está prevista a passagem por 24 cidades, até o dia 26 de novembro, quando o grupo chega a Brasília. Desta vez, o percurso será feito em modernos e resistentes carros. A nova Missão Cruis usa telefones celulares via satélite, rádios comunicadores e abriga-se em hotéis e pousadas. Toda a viagem será registrada em computadores portáteis, filmadoras e câmeras digitais. (A Missão Cruis original viajou de maria-fumaça e em lombo de burro, acampou em barracas de lona e se guiou pelas estrelas).

A turma de pesquisadores modernos não conseguiu partir do mesmo local da Missão Cruis. O Observatório Nacional foi forçado a mudar de lugar. Com o novo nome, ele está no Morro de São Cristóvão, próximo à zona norte do Rio. A sede original acabou destruída pelo governo federal em 1921. "Usaram o pretexto de médicos sanitaristas que o centro precisa de mais espaço livre para circular o ar e evitar a propagação de doenças e colocaram o prédio abaixo", conta a pesquisadora do Museu de Astronomia Cristina Helena Barbosa. No lugar do Observatório, surgiram ruas e arranha-céus.

A viagem rumo ao Planalto Central, seguindo as trilhas de Cruis, começou para valer ontem pela manhã. Depois de uma palestra e debates na Universidade Federal Fluminense (UFF), os pesquisadores pegaram a via Dutra, em direção a São José dos Campos, no interior paulista, próximo ponto de parada. O Correiço segue o comboio. (R.A.)



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

PRINCESSAS DO CERRADO

Volto a Jacinto de Thormes, pra quem não sabe o colunista social de *O Cruzeiro* nos tempos da construção de Brasília. Já lhes contei, dia desses, como foram os preparativos para a vinda do *chiquitíssimo* ao sertão goiano. (Antes que me corrijam: o superlativo correto para chique é, me ensina a Dad, *chiquíssimo*. As deslumbradas preferem *chiquêrrimo*, e eu prefiro espichar a palavra mais um pouco pra ela fiar mais superlativa).

Eis que o *chiquitíssimo* De Thor-

mes me aparece entrevistando Márcia e Maristela Kubitschek, as duas filhas de JK, princesinhas do país no final dos anos 50. A reportagem de três páginas é ilustrada por uma foto grande do entrevistador com as duas entrevistadas. Ele vestia um terno Príncipe de Gales, Márcia, um *chémister* amarelo de saia franzida, terminando abaixo dos joelhos, e Maristela, um recatado vestido azul de corte reto e gola até o pescoço. Tudo deliciosamente anos dourados.

A entrevistada, no Palácio das Lanranjeiras, tinha uma pauta prévia: a viagem de cinco meses e meio das duas meninas aos Estados Unidos e à Europa, acompanhadas de dona

Sarah. Evidentemente, Jacinto de Thormes não escapa da frivolidade do colunismo social. Mas ali havia um repórter sagaz e bem-informado. As duas meninas, Márcia com 15 anos, e Maristela, com 16, na comovedora ingenuidade das meninas adolescentes dos anos 50.

"EU — (Era assim que Jacinto de Thormes se identificava numa entrevista. EU e pronto e acabou!) Vocês comeram muito em drugstores?"

MÁRCIA — É claro que sim. Todas as noites depois do teatro iam comer aquelas coisas gostosas. Fiquei tão fascinada com um aparelho que enchia automaticamente um copo de leite, que pedta leite só para ver

aquele mágica.

MARISTELA — Sim, mas eu é que engordei seis quilos nesta viagem. Depois mamão me fez entrar num regime tão rigoroso que já emagreci cinco.

As princesinhas do governo Kubitschek almoçaram com Nelson Rockefeller, o multimilionário mais famoso da época, espécie de Bill Gates de hoje. De Márcia e Maristela não sei muito, mas, pelo que elas disseram a Jacinto de Thormes, aquela viagem foi um conto de fadas para elas e para quem leu a entrevista no *Cruzeiro*. Conheceram a Casa Branca, viajaram de "avião a jato", viram neve pela primeira vez e de-

butaram no Palácio de Versailles, em Paris, junto com outras 300 moças. Depois, viram um desfile de Dior. Era assunto pra mais de Garas.

Depois de muito teor para aprender a reverência que os súditos fazem diante de uma monarca, as duas meninas foram ao Palácio de Buckingham. A Rainha Elizabeth serviu-lhes chá e mostrou às garotas e a dona Sarah os principais salões do palácio e os aposentos da Rainha Vitória. Conheceram Carmemita, filha do generalíssimo Franco, o fã-gerado ditador espanhol. Em Praga, dormiram num castelo medieval (com 147 quartos). Maristela morreu de medo.